

RUA LUSITANA

Designação de 11-12-1871

Alteração de 07-05-1894

Deliberação da Câmara de 08-07-1922

Edital de 10-07-1922

Formada pela conhecida rua de Baixo

Início na rua Proença

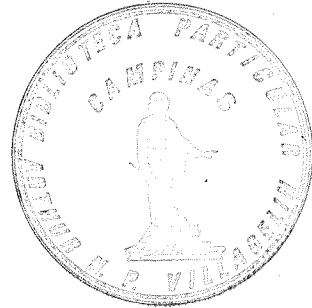
Término na rua Major Solon

Centro

Obs.: Em 11-12-1871 o vereador Capitão Joaquim Corrêa Dias propôs a denominação de rua Lusitana. Na sessão da Câmara de 07-05-1894, por iniciativa do edil José Falque essa denominação foi alterada para rua General Carneiro. Em 08-07-1922 a Câmara aprovou a proposta do vereador Álvaro Ribeiro para voltar a chamar-se rua Lusitana. Em 10-07-1922 o Prefeito Municipal de Campinas Raphael de Andrade Duarte baixou edital dando o nome de rua Lusitana. Foi também chamada de rua da Quitanda e rua do Ouvidor.

LUSITANA

Três foram as primeiras ruas de Campinas: rua de Cima, rua do Meio e rua de Baixo, respectivamente, hoje, rua Barão de Jaguará, rua Dr. Quirino e rua Lusitana. A rua de Baixo se constituía no caminho natural daqueles que vindo de São Paulo demandavam o sertão, e as primeiras moradias ali levantadas acompanharam seu trajeto sinuoso, até hoje assinalado. Em 1860 passaram a chamá-la de rua da Quitanda. Ali se encontravam estabelecidos diversos negociantes, em sua maioria portugueses, onde se vendiam secos e molhados, armarinhos, ferragens, fazendas e carnes. Estes, querendo dar maior importância a "sua" rua, passaram a colocar placas com o nome de "rua do Ouvidor", por ser a mais importante da capital do país. Finalmente, com o intuito de homenagear o povo português, bem assim, os negociantes ali estabelecidos, a Câmara aprovou a denominação de rua Lusitana. Porém, durante a Revolta da Armada, em 1893, com as relações entre Portugal e Brasil estremecidas e devido a morte no cêrculo da Lapa do herói General Carneiro, houve a Câmara por alterar a denominação para homenagear o militar brasileiro. Entretanto, em 1922, Álvaro Ribeiro reconhecendo a injustiça praticada, propôs o restabelecimento da antiga rua Lusitana. No edital de 10-julho-1922, foi assim justificada a alteração: "Em homenagem à distinta colônia portuguesa desta cidade e como reparação da injustiça que lhe foi feita em 7 de maio de 1894, retirando-se o nome de Lusitana, da via pública ora denominada General Carneiro, quando navios lusitanos haviam acolhido a seu bordo mais de 500 brasileiros, salvando-lhes a vida - esta rua fica de novo com o nome de Lusitana". Ao mesmo tempo, transferiu-se o nome de General Carneiro para uma avenida do bairro da Ponte Preta.



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

XXVI

LUSITANA

(Começa na rua Proença e termina na rua Major Solon, beneficiando o Jardim Primavera, o Centro da Cidade e a parte final da Vila Itapura).

A primeira denominação de Lusitana foi dada em 11 de dezembro de 1871, por proposta do Vereador Corrêa Dias (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "Ruas da Época Imperial"). Em 1894 a denominação de Lusitana foi substituída pela de General Carneiro. Em 10 de Julho de 1922 foi restabeleci-

da a primitiva denominação de rua Lusitana. Chamou-se também rua da Quitanda e rua de Baixo. Tem 8,60 metros de largura.

DADOS HISTÓRICOS —

A denominação de rua Lusitana foi dada em homenagem à distinta colônia portuguesa desta cidade e como reparação da injustiça que lhe foi feita em 7 de maio de 1894, quando foi retirado o nome de Lusitana da via pública que passou a denominar-se General Carneiro, isto quando navios Lusitanos haviam recolhido a seu bordo mais de 500 brasileiros, salvando-lhes a vida.

"Efemérides Campineiras", publicadas pelo "Jornal de Campinas", em 11-dezembro-1960:

11-dezembro-1871 — Passa denominar-se Lusitana a antiga Rua de Baixo que posteriormente se chamou General Carneiro, voltando a ser Lusitana em homenagem aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral."

RUA LUSITANA

RUA DE BAIXO



Uma das mais antigas da cidade. Em 1871, passou a denominar-se Lusitana, em homenagem aos comerciantes portugueses, ali estabelecidos.

Posteriormente, se chamou General Carneiro, oficial tombado na revolta de 1893.

Retornando ao antigo nome de Lusitana, após o rai de dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

Nome atual: RUA LUSITANA

(Extraído de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848", às fls. 8 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular" de Campinas, do dia 14 de julho de 1974. Edição comemorativa do Bicentenário de Campinas)

anpv/02/83

RUA LUZITANA



"Entre as ruas de Campinas, de 1939, salientam-se algumas que no passado tiveram outros nomes, bem diferentes e originais, como se vê pelas seguintes:

Rua de Baixo, que também foi chamada Luzitana devido aos inúmeros luzitanos que habitavam nela, depois General Carneiro e agora novamente Luzitana."

(Extraído da Secção "Nossa Cidade", do título "Efemérides Campineiras", de autoria do jornalista campineiro Braulio Mendes Nogueira, no "Jornal de Campinas" de 24-novembro-1960)



No sec. 18, três ruas centrais

Em fins do século dezoito, Campinas possuía pelo menos três ruas centrais: a "de Cima" (Barão de Jaguará), a "do Meio" (Dr. Quirino) e a "de Baixo" (Luzitana). A "de Cima" onde corria um riacho, que se transformou depois na bela praça do Pará. Segundo consta nos arquivos do historiador, recebeu o nome de "Barão de Jaguará", por um ato considerado heróico pelos campineiros da época. Este homem, para Iole (comerciante da Galeria dos Arcos), foi fazendeiro da época, um "Barão do Café". Mas na verdade ele se chamava Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra, médico e político atuante do século passado, em 1837. O título de "Barão de Jaguará" lhe foi concedido em 1888.

Um ano depois, foi nomeado pelo Governo Imperial com Presidente da Província Paulista, justamente quando a febre amarela voltava a atacar violentamente Campinas. Enquanto Presidente Paulista o "Barão de Jaguará", socorreu da melhor maneira possível a cidade. Mas o seu feito maior foi quando o Município necessitava de uma verba, de 2.000 contos de réis, para a construção de uma rede de água em Campinas, o que iria amenizar o surto da febre.

Mas este pedido foi negado pelo seu antecessor, General Couto de Magalhães, por motivos puramente políticos. O Barão, chocado com o resultado, resolveu por si assinar um empréstimo no valor da verba, que na época, segundo Jolumá "dava para comprar toda a cidade". Daí então os homens do governo municipal manifestaram sua gratidão através da Rua, que hoje não é mais a "de Cima" e sim "Barão de Jaguará".

Quirino, pioneiro na Imprensa

Se todas as ruas tiveram outros nomes antigamente, isto não poderia

deixar de ser com a tão antiga "Rua do Meio" ou "Rua do Comércio", a atual Dr. Quirino. Pelas ruas da cidade muitos arriscam palpites. Uns dizem que Dr. Quirino foi um "médico", outros que foi um dos "Prefeitos de Campinas". Há, até, quem pense, como Sônia Aparecida da Costa, que ele foi um "bandeirante".

Mas na verdade Dr. Quirino foi nada menos que Francisco Quirino dos Santos fundador da Imprensa regular em nossa cidade, descendente do "terrível Fernão de Camargo", alcunhado o "Tigre". No entanto, Francisco Quirino dos Santos tinha muito mais de poeta, jornalista e político, do que de "Tigre".

O poeta das "Estrelas Errantes", sua obra publicada em 1863, nasceu em 14 de julho 1841, data que lembra a queda da Bastilha. Em 1859, quando cursava a Faculdade de Direito, colaborava em jornais da Faculdade, o que o inspirou na sua atuação jornalística, fazendo circular, em outubro de 1869, a "Gazeta de Campinas", marcante na história da Imprensa local.

Em julho de 1865 os eleitores do Partido Republicano escolheram o nome de Quirino dos Santos para Deputado Provincial, onde teve brilhante atuação. Depois de 6 de Maio de 1886, data de seu falecimento, só restou as "Estrelas Errantes", que poucos conhecem e é claro a Rua "Dr. Quirino".

A Rua de "Baixo" como já foi mencionado, tem uma história longa. Para chegar à atual "Rua Luzitana", ela recebeu os seguintes nomes: Rua da Quitanda, Rua de Baixo, Rua do Ovidor, Rua Luzitana, depois Rua General Carneiro e novamente Rua Luzitana.

(Extraído do "Diário do Povo" de Campinas, de

22-maio-1983)



Lusitana: antes os portugueses a batizaram de Rua do Ouvidor

"Lusitano", é uma denominação dada ao português, mas há quem acredite, como Alessandra Picarelli, ser nome de "alguma pessoa", importante da época.

A Rua Lusitana não passava, a princípio, de uma velha estrada que das bandas de São Paulo, demandavam Mogi-Mirim. Os casebres foram aparecendo, acompanhando a tortuosidade da estrada que até hoje se verifica, principalmente, na parte que fica entre a Moraes Sales e Major Solon.

Os portugueses, com seus armários, ferragens e molhados na maioria, aos poucos se instalaram na Rua, tornando-a a principal rua comercial da cidade. No entanto, a discriminação aos portugueses, por parte dos moradores da rua de cima fizeram com que João Novo, Eloi Savoi e Serafim Gonçalves, se rebelassem dando um nome à Rua: "Rua do Ouvidor".

Parados em frente a placa, muitos riram e outros contemplaram, mas a Câmara Municipal não gostou dos risos, porque afinal, eram os comerciantes portugueses que ali se manifestavam, os responsáveis pelo progresso da cidade. Decidiram chamá-la então "Rua Lusitana", em 1871.

Mais tarde com a inauguração da estrada de ferro no alto da cidade, o comércio também começou a se deslocar para lá, reduzindo assim o comércio da Rua. Vinte e dois anos depois no governo de Marechal Floriano, estourou a Revolta Armada do Rio de Janeiro e dos Federalistas do Rio Grande do Sul, estremecendo as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal.

Nesta época de combate, morre heroicamente no Paraná o General Carneiro, e em solidariedade a Câmara resolve mudar o nome da Rua para "General

Carneiro", data em que já existia a Praça Luiz de Camões. Quando mais tarde surge na política campineira, Alvaro Ribeiro, restituiu-se novamente a denominação de "Rua Lusitana", sendo "General Carneiro" dada a outra Rua no alto da cidade.

Falta interesse?

Hoje o "passado glorioso" de cada um destes personagens, não interessa a muita gente. Francisco Glicério por exemplo, é hoje, uma das principais Avenidas de Campinas. Francisco Glicério de Cerqueira Leite, influente político da época foi fundador do Partido Republicano Paulista em Campinas, Vereador da Câmara, Ministro da Agricultura no Rio de Janeiro. No entanto hoje, ele é tomado como um "médico", "um construtor", "um Bandeirante", outros então "nem imaginam" quem foi este homem, assim como muitos não sabem quem foi "Barreto Leme", o próprio fundador de Campinas.

Alguns campineiros mais idosos, lembram-se, ainda que vagamente, quem foram estes homens. Manoel Lentes por exemplo falou de muitas ruas do século passado, e de ruas mais recentes que lembra com facilidade.

Esse desconhecimento por parte da maioria não é de estranhar. Afinal, mais de um século já se passou desde a chegada dos primeiros aventureiros que fizeram surgir Campinas e, outros que, depois, a projetaram no cenário nacional. Além disso, manter viva a memória da cidade é tarefa assumida por poucos, como o próprio Jolúma Brito, que nesse árduo trabalho de registrar a história de Campinas, acaba atraindo para si a função de immortalizar esses personagens do passado.

EDITAES



DENOMINAÇÃO DE RUAS

Raphael de Andrade Duarte, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico pelo presente que, em virtude de deliberação da Camara, em sessão de 8 do corrente, e de accordo com o art. 7.º da lei n.º 87, de 1902, ficam de hoje em diante alteradas as denominações das ruas seguintes :

Em homenagem á distincta colonia portugueza desta cidade e como reparação da injustiça que lhe foi feita em 7 de Maio de 1894, retirando-se o nome de Lusitana, da via publica ora denominada General Carneiro, quando navios lusitanos haviam acolhido a seu bordo mais de 500 brasileiros, salvando-lhes a vida — dita rua fica de novo com o nome de *Lusitana*.

Em homenagem á memoria do heroico general citado, que morreu em defesa da legalidade no cerco da Lapa, a rua que atravessa o terreno do campo dos variolosos, onde vão ser construidos os edificios da S. A. Industrial de Seda Nacional e do Instituto Moore, fica denominada — *Avenida General Carneiro*.

E em homenagem á memoria do conhecido educador e jornalista emerito desse nome, que muito contribuiu para o progresso desta terra, tambem a antiga rua Jatahy fica denominada — *Henrique de Barcellos*.

E para conhecimento de todos, mandei baixar o presente edital. E eu, *Amilar Alves*, secretario da Prefeitura, o escrevi.

Campinas, 10 de Julho de 1922.

Raphael de Andrade Duarte.

Congresso comemora Dia Luso-Brasileiro

BRASILIA (Sucursal) — O estreitamento das relações culturais e comerciais entre o Brasil e Portugal constituíram a tônica dos pronunciamentos ontem feitos, em sessão solene do Congresso Nacional, para a comemoração do Dia da Comunidade Luso-Brasileira, sendo oradores, pelo Senado, Danton Jobim (MDB-GB) e pela Câmara, Daso Coimbra (ARENA-RJ).

Danton Jobim lembrou os vínculos históricos ligando indissolúvelmente as duas Patrias, recordando, entre outras coisas, que a comunidade luso-brasileira já havia nascido a 13 de maio de 1625, através de uma "carta-patente" na qual as duas Nações acordavam em que "os naturais do reino de Portugal e seus domínios serão considerados no Império como brasileiros e os naturais do Império, no reino de Portugal e seus domínios como portugueses".

Disse o senador que, em 1971, foi assinada em Brasília a convenção sobre a igualdade de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, com base na Constituição Federal ao dispor que... "As pessoas naturais de nacionalidade portuguesa não sofrerão qualquer restrição em virtude da condição de nascimento se admitida a reci-

procidade em favor de brasileiros".

22.4.1974

GRATIDÃO

Os históricos laços de amizade que unem Brasil e Portugal faz da comunidade luso-brasileira — segundo disse o deputado Daso Coimbra — um fato real que deve conduzir a um intercâmbio intensivo, pois considera lamentável que apenas dois por cento da produção global de nosso País atinja o mercado de Portugal, de onde recebemos apenas um por cento de suas exportações globais.

Acha Daso Coimbra que o Brasil pode e deve suprir com centenas de artigos de sua pauta de exportação os mercados lusitanos. Por outro lado, Portugal pode, e deve alimentar os mercados nacionais brasileiros com aquilo que está apto a nos oferecer. Considera, também, viável, uma troca mais intensa das experiências tecnológicas entre os dois países.

Daso Coimbra, que atribui como débito a Portugal nossa unidade territorial e política além do idioma comum, considera finalmente, que os dois países devem constituir uma comunidade integral e não apenas parcial, porque deve ser ligada pelos laços de irmandade pelo coração e pela inteligência, pelo intercâmbio material e tecnológico.